

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

LUANA DE ALMEIDA PIRES BEZERRA

A condição do morar no contexto de expansão e especulação imobiliária do tecido urbano: a luta do MTST, em Taboão da Serra, por moradias populares dignas e de qualidade.

The living condition in the context of expansion and real estate speculation in the urban tissue: the fight of the MTST, in Taboao da Serra, for dignified and of quality popular housing.

São Paulo

2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

LUANA DE ALMEIDA PIRES BEZERRA

A condição do morar no contexto de expansão e especulação imobiliária do tecido urbano: a luta do MTST, em Taboão da Serra, por moradias populares dignas e de qualidade.

Trabalho de Graduação Integrado (TGI)
apresentado ao Departamento de Geografia
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas, da Universidade de São Paulo,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana.

Orientadora: Profª. Drª. Glória da
Anunciação Alves.

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B Bezerra, Luana de Almeida Pires
A condição do morar no contexto de expansão e especulação imobiliária do tecido urbano: a luta do MTST, em Taboão da Serra, por moradias populares dignas e de qualidade. / Luana de Almeida Pires Bezerra; orientadora Glória da Anunciação Alves - São Paulo, 2023.
61 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. Luta por Moradia . 2. Taboão da Serra. 3. Especulação imobiliária . 4. Segregação socioespacial . I. Alves, Glória da Anunciação , orient. II. Título.

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria, e a todas as mulheres que estão na luta pelo acesso a moradia. A vida, por vezes, se mostra muito cruel. Ser mulher, parda e morar na periferia expõe muitas estruturas de como o Brasil foi formado e se mantém. Só a luta coletiva muda a realidade. Obrigado por me ensinarem tanto.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é tudo, menos uma produção individual. Devo ele a possibilidade de me aprofundar um pouco mais na luta por moradia, mas também a todos que me acompanharam nesses anos de graduação.

Gostaria de começar agradecendo a minha família: mãe, Dona Maria, pai, Seu Antônio e meus irmãos, Amanda, Vitor e Alan. Aqui, especialmente ao meu irmão mais velho, Alan: o que sou hoje de ser humano, devo aos cuidados, atenção e apoio que ele me deu em todas as etapas da minha vida que vivi até agora. Obrigado.

Gostaria de agradecer a amigos de longa data, Giovana, Alan e Beatriz, vivemos muitos momentos juntos até agora, no decorrer de muitos anos de amizade e mesmo nas mudanças que a vida nos coloca, obrigado por estarem aqui.

Agradeço a amigos que conheci na faculdade: Fezão, Fezinho, Natália, Kaori, Ingrid, Larissa, Loiane, Lucas, Fabiola, Roberta, Matheus e Cawan. Viver os momentos bons e ruins da faculdade foi ótimo com vocês. Dentro deste âmbito de amigos um agradecimento especial a Sara, que carinhosamente chamo de Sarinha. Como ela mesma diz “*somos parceira*”, dos momentos mais difíceis que vivi na USP, nunca tive dúvida que ela iria me acolher, e agora com a produção desse trabalho, você foi fundamental, obrigado.

Aos colegas de trabalho, Aline, Juliane e Natalie, que se transformaram em amigas de vida, de compartilhar felicidades, lutos, dificuldades e muito trampo, vocês são incríveis, obrigado por tudo. Aqui, destaco a Glória, que entrou na minha vida por meio do trabalho, mas que criamos um laço forte para vida. Glórinha, todas as suas palavras foram fundamentais para eu ter força, mesmo diante da loucura dos nossos trabalhos, para finalizar essa monografia. Obrigado.

Agradeço muito a Daniele, que entrou na minha vida a uns anos: você foi fundamental para eu acreditar que poderia fazer não só este trabalho, mas qualquer outra coisa da minha vida. Obrigado.

Agradeço a minha orientadora, professora Glória, que sempre esteve disposta a marcar reunião, a sanar dúvidas, a corrigir e recorrigir meu trabalho, nunca demorou mais de quatro dias para me responder, sempre achei isto incrível. Que bom que pude ter você como orientadora, professora, muito obrigado.

Por fim, existe várias outras pessoas que passaram pelo meu caminho estes anos, impulsionando melhorias pessoais e vivências. Sou grata pelo o que pude viver como graduanda na melhor universidade da América Latina, meus olhos são outros para o mundo.

*“Que Deus me guarde, pois eu sei que ele não é neutro
Vigia os rico, mas ama os que vem do gueto”*

(Trecho de Negro Drama - Racionais MC's.
São Paulo, 2002).

RESUMO

BEZERRA, Luana de Almeida Pires. **A condição do morar no contexto de expansão e especulação imobiliária do tecido urbano: a luta do MTST, em Taboão da Serra, por moradias populares dignas e de qualidade.** 2023. 61 p. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2023.

O presente trabalho se propõe a apresentar como o MTST, Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, busca proporcionar moradias dignas e de qualidade para populações de baixa renda, dentro do contexto de expansão e especulação imobiliária do tecido urbano na cidade de Taboão da Serra, região metropolitana de São Paulo, que possui a maior densidade demográfica do país. Para isto, é apresentado como a cidade foi formada, quais os motivos de ser tão adensada e como a população está distribuída no território. A partir do entendimento de ocupação desigual da cidade, das diferenças infraestruturais das moradias e da necessidade de empreendimentos que não sejam só voltados para dinâmica de circulação do capital imobiliário, o movimento se organiza e territorializa buscando atender uma das maiores demandas locais: o acesso à moradia digna, de qualidade e possível de ser paga.

Palavras-chaves: Luta por moradia, especulação imobiliária, segregação socioespacial, Taboão da Serra.

ABSTRACT

BEZERRA, Luana de Almeida Pires. **The living condition in the context of expansion and real estate speculation in the urban tissue: the fight of the MTST, in Taboão da Serra, for dignified and of quality popular housing.** 2023. 61 p. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2023.

The present work proposes to demonstrate how the MTST, Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (Homeless Workers' Movement) seeks to provide dignified and of quality housing for low-income populations, inside the context of expansion and real state speculation of the urban tissue in the city of Taboão da Serra, Metropolitan Region of São Paulo, which has the country's highest demographic density. For this, it is presented how the city was formed, what are the reasons for it to be so dense and how the population is distributed throughout the territory. From the understanding of the uneven occupation of the city, of the infrastructural differences of housing and of the necessity of enterprises not only focused on the real state capital dynamics, the movement organizes and is territorialized searching to tend to one of the biggest local demands: the access to dignified housing, of quality and possible to be paid for.

Keywords: Fight for housing, real estate speculation, socio-spatial segregation, Taboão da Serra.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Condomínio residencial localizado no Parque Assunção.

Foto 2 – Vista do bairro Parque Monte Alegre.

Foto 3 – Vista do alto da Br 116 dos condomínios da Cooperativa Habitacional Vida Nova - Aprígio Imóveis.

Foto 4 – Vista do Shopping Taboão e de parte dos apartamentos ao seu redor.

Foto 5 – Vista do bairro Sítio das Madres.

Foto 6 – Vista para o Parque Pinheiros.

Foto 7 – Vista do Jardim Record.

Foto 8 – Vista para o Jardim Trianon.

Foto 9 – Vista do Jardim Saint Moritz.

Foto 10 – Entre as vielas do Jardim Record.

Foto 11 – Frente do Casarão da Luta.

Foto 12 – Dentro do Barracão, onde ocorrem as reuniões do movimento.

Foto 13 – Área externa do Casarão.

Foto 14 – Cozinha solidária do MTST.

Foto 15 – Ocupação João Cândido em 2005.

Foto 16 – Lateral do condomínio João Cândido.

Foto 17 – Área de lazer e ponto de ônibus.

Foto 18 – Frente do condomínio João Cândido.

Foto 19 – Perspectiva do condomínio em uma das ruas laterais.

Foto 20 – perspectivas de dentro dos apartamentos João Cândido.

Foto 21 – Placa com informações da construção do Condomínio Chico Mendes 5.

Foto 22 – Placa com informações da construção do Condomínio Chico Mendes 1.

Foto 23 e 24 – Placas fixadas nos terrenos onde estão construindo os condomínios Chico Mendes 1 e 5.

Foto 25 – Área de construção dos condomínios.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do Município de Taboão da Serra.

Mapa 2 – Hidrografia do Município de Taboão da Serra.

Mapa 3 – Indicação dos principais acessos viários ao município sobre foto aérea.

Mapa 4 – Concentração de favelas em São Paulo e Taboão da Serra.

Mapa 5 – Localização das áreas de estudo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Projeto original realizado pela Usina para os empreendimentos do Jardim Salete.

Figura 2 – Maquete do empreendimento e comparação do projeto aprovado e do realizado no Conjunto João Cândido.

Figura 3 – Maquete do empreendimento e comparação do projeto aprovado e do realizado no Conjunto João Cândido.

Figura 4 – Maquete do parque linear Ponte Alta.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

MST – Movimento dos Sem Terra.

MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.

MST-TS – Movimento Sem Terra de Taboão da Serra.

PMHID – Plano Municipal de Habitação de Interesse Social.

RMCSP – Região Metropolitana da Cidade de São Paulo.

RMSP – Região Metropolitana de São Paulo.

PMTS – Prefeitura Municipal de Taboão da Serra.

PMCMV – Programa Minha Casa Minha Vida.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. JUSTIFICATIVA.....	17
3. CAPÍTULO I.....	18
1.1– Processo de urbanização em Taboão da Serra e sua concentração populacional....	18
1.2 – As desigualdades produzidas entre as zonas norte e sul: a questão da moradia....	23
4. CAPÍTULO II	34
2.1– MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto: como surgiu e se consolidou..	34
2.2 – A sede nacional do MTST: o Casarão da Luta.....	39
2.3 – MTST na cidade de Taboão da Serra.....	41
2.4 – Condomínio João Cândido.....	46
2.5 – Condomínio Chico Mendes.....	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
6. REREFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe contextualizar a luta de um movimento por acesso à moradia digna e de qualidade, o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), na cidade de Taboão da Serra, região metropolitana da cidade de São Paulo.

Segundo dados de 2023 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o município em questão possui a maior densidade demográfica do Brasil: 13.416,81 habitantes por quilômetro quadrado, 273.542 pessoas contabilizadas pelo Censo Demográfico de 2022. A intensa e rápida urbanização da cidade resultou no espraiamento do tecido urbano, com o surgimento orgânico de muitos bairros da periferia, uma das consequências foi o processo de favelização. Além das construções de moradias irregulares, as zonas periféricas comportam as populações de baixa renda, que costumeiramente pagam aluguel. Diante deste cenário, a cidade de Taboão da Serra foi crescendo em tamanho e em adensamento populacional, abrigando muitos trabalhadores sem moradia própria.

Em conjunto com a favelização, típica de grandes cidades de países emergentes, como o Brasil, há a atuação do capital imobiliário, que ao se expandir para zonas mais periféricas da região metropolitana, intensifica a segregação socioespacial já existente na cidade. Se por um lado o capital imobiliário levanta novas empreendimentos que não são, em suma maioria, voltadas a população mais pobre, do outro, temos uma leva gigantesca de famílias que se concentram nos bairros mais periféricos da cidade e que lutam por moradias próprias e de mais qualidade. Assim, movimentos como o MTST são estruturados territorialmente, buscando garantir a construção de empreendimentos acessíveis as famílias de baixa renda.

Por meio desta rápida contextualização surge a ideia de desenvolver este trabalho, onde será apresentado um breve histórico do surgimento da cidade de Taboão da Serra, como a qualidade de moradia se apresenta e como um dos movimentos sociais contemporâneos mais importantes do Brasil se fixou e trava uma intensa luta buscando garantir o direito constitucional de acesso à moradia com qualidade.

A gente já conseguiu tirar várias famílias da situação de miséria e indignidade. Nós temos, por exemplo, o empreendimento João Cândido, que fica em Taboão da Serra [São Paulo] que vai abrigar mais de 900 famílias, está sendo feito por etapas, hoje são quase 400 famílias

que já estão morando no empreendimento [...]” (Reportagem para o jornal Brasil de Fato).

Os procedimentos necessários para o desenvolvimento da pesquisa partiram dos levantamentos bibliográficos de artigos, teses, livros, documentários e dados oficiais – como leis, órgãos de pesquisa, Plano Diretor – que dão embasamento teórico a respeito das temáticas abordadas nos objetivos de pesquisa, tanto os mais gerais quanto os mais específicos, oferecendo direcionamento histórico e metodológico.

Em conjunto com a parte teórica foi realizado trabalhos de campo em diversos pontos da cidade, para tirar fotos comparando as formas de ocupação e moradia, na sede nacional do MTST, denominada de Casarão da Luta, nos empreendimentos construídos e em construção, todos os pontos localizados em Taboão da Serra - SP. Também foi realizado entrevistas que não aparecerão citadas diretamente por escolha dos entrevistados. Deste modo, o presente trabalho relaciona as partes teóricas com as observações dos trabalhos de campo e as informações levantadas durante as entrevistas, para conseguir, assim, contextualizar a temática proposta da luta por moradia.

O capítulo 1 inicia-se contextualizando o surgimento da cidade de Taboão da Serra, explicando o seu processo de formação e expansão, focando, principalmente, no grande adensamento populacional que está distribuído de forma desigual pela cidade. A partir desta contextualização, é abordado as características de ocupação do meio urbano e como isto reflete nas estruturas das moradias. Durante as análises é possível observar como o capital imobiliário vem atuando com mais poder no território, alterando os perfis desejados de moradores e acirrando as diferenças socioespaciais entre as áreas mais valorizadas e mais periféricas, estas, que concentram majoritariamente as populações de baixa renda. Na segundo parte deste capítulo, observa-se como as periferias são mais adensadas e necessitam de mais moradias, ilustrando, assim, a necessidade de movimentos sociais que buscam garantir este direito

No capítulo 2 é contextualizado o surgimento do MTST e como este chegou a Taboão da Serra. Atualmente, a sede nacional do movimento encontra-se na cidade, o chamado Casarão da Luta, que será apresentado neste mesmo capítulo. A consolidação e expansão do MTST está intrinsecamente ligado ao território de Taboão da Serra, já que esta cidade foi palco de uma das maiores ocupações do movimento, a Chico Mende, que ocorreu em 2005. Outro ponto fundamental para organização da luta

por moradia do movimento em questão, são os condomínios João Cândido A e B, entregues em 2015, que se tornaram referência na construção de moradias populares. Todos estes pontos serão abordados neste capítulo, demonstrando como, mesmo diante de um processo de especulação e valorização do solo urbano, o MTST busca garantir moradias dignas, de qualidade e acessíveis para pessoas de baixa renda.

Em ambos os capítulos são apresentadas referências bibliográficas que partissem do pressuposto de que a ausência de infraestrutura do meio urbano, não é consequência, apenas, de um processo rápido e desordenado do território, mas sim, uma forma de circulação do capital típica de urbanização dos países emergentes. Para isto, autores como CARLOS e ALVES, aparecem como referências para justificar o processo de valorização em alguns pontos da cidade, a partir da atuação do mercado imobiliário. Autores como SANTOS, também é utilizado para demonstrar algumas características próprias de zonas periféricas.

Diversas teses de mestrado e doutorado aparecem como destaque por elucidar com detalhes a cidade de Taboão da Serra, seja apresentando a sua formação, como NASCIMENTO, ou contextualizando a atuação do MTST, como GUERREIRO, GUARITÁ e MELLO. Dados do poder público, como o PMHID – Plano Municipal de Habitação de Interesse Social, também aparecem com destaque por trazer informações que expõe a realidade municipal. Assim, estas e as demais referências foram pensadas para trabalhar tanto a realidade do município, como a viabilidade de atuação do MTST, que mesmo diante de controvérsias - que serão brevemente citadas, mas não desenvolvidas a fundo neste trabalho – tentam viabilizar a realização material da luta social.

Por fim, nas considerações finais, é apresentado como, mesmo diante de controvérsias políticas e ideológicas, o MTST vem garantindo e buscando expandir seu processo de atuação nas periferias da cidade, intensificando a luta por melhores condições de vida no espaço urbano fora do centro da região metropolitana.

A luta por moradia é fundamental para reprodução da vida, para criar laços e relações com o espaço e as pessoas. Este trabalho pretende, por fim, demonstrar como a organização do MTST em Taboão da Serra vem permitindo realizar o sonho de casa própria de inúmeras famílias que vivem em um dos maiores adensamentos periféricos do Brasil.

2. JUSTIFICATIVA

No processo de escolha do tema de pesquisa quis explorar um assunto que eu gostasse e que pudesse fazer parte o mais diretamente possível da minha realidade. A vertente da Geografia Urbana sempre me interessou muito, principalmente o estudo das moradias, com destaque para a luta que busca garantir seu acesso. Este tema não apenas desperta interesse como faz parte da história da minha família, principalmente da minha mãe, Maria, que compõe a luta há mais de 20 anos. Para além dos motivos pessoais, esta pesquisa propõe compreender e explicar a luta pelo direito à moradia dentro do município de Taboão da Serra, cidade que vivo a 24 anos, podendo servir de ferramenta para entender algumas dinâmicas socioespaciais do município em questão, reiterando que apesar das particularidades do local estudado, a dinâmica espacial está presente em uma totalidade.

Deste modo, o objetivo do trabalho é a questão da luta popular por acesso a moradia, e, mais especificamente, como esta luta popular encabeçada pelo MTST, busca garantir uma moradia digna e de qualidade para a população sócio e economicamente mais vulnerável do município de Taboão da Serra.

CAPÍTULO I

1.1 Processo de urbanização em Taboão da Serra e sua concentração populacional

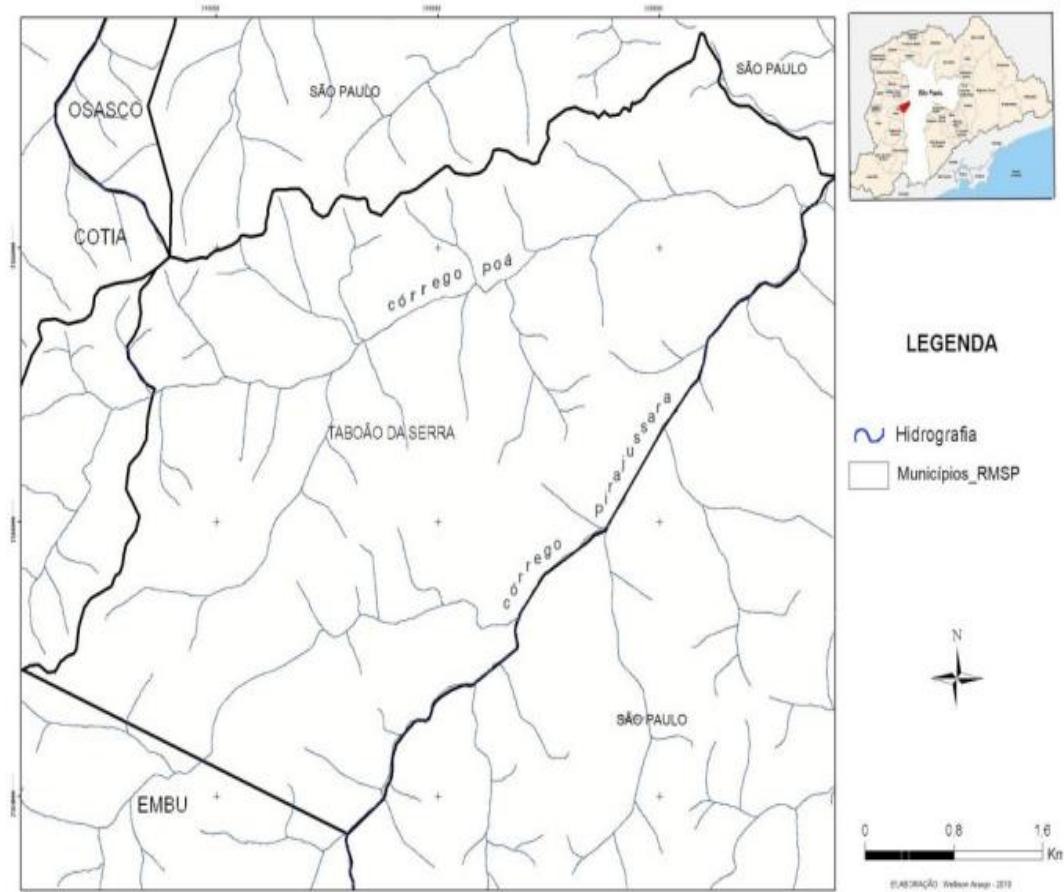
O município de Taboão da Serra faz parte da região metropolitana da cidade de São Paulo (RMCSP), com seus 20km² está localizado na zona sudoeste, conforme mostra o mapa abaixo.



Mapa 1: Localização do Município de Taboão da Serra. Luciana D. Nascimento e Ivan Carlos Bonadio.

Fonte: PMTS, 2008.

Seu nome tem origem na palavra *taboa*, uma planta adaptada a áreas muito úmidas, que era encontrada nas zonas mais próximas dos córregos Pirajuçara e Poá, principais fluxos de água que cortam o município, como exposto no mapa abaixo.



Mapa 2: Hidrografia do Município de Taboão da Serra. Wellison Araújo, 2010. Fonte:

[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-04102010-154430/publico/2010_WellisonTatagibadeAraujo.pdf.](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-04102010-154430/publico/2010_WellisonTatagibadeAraujo.pdf)

A consolidação da cidade de Taboão da Serra está atrelada a expansão do tecido urbano a partir do crescimento da capital paulista, no início pelo vetor Campo Limpo/Pirajuçara e pelo núcleo de Pinheiros, seguindo a antiga Estrada de Itapecerica, onde entre as décadas de 1920 e 1940 surgiram os bairros Vila Iasi, Vila Pirajuçara e Jardim das Oliveiras, que pertenciam ao subdistrito de Embu. O contínuo crescimento principalmente a partir da década de 1950, acarretou na sua emancipação sob a Lei Estadual 8091/59, no ano de 1959, que acompanhou um intenso crescimento populacional (PMHIS, 2010).

A expansão da RMSP¹, a partir de 1950, acontece por meio do crescimento das periferias, refletindo o processo desigual de formação e transformação das zonas urbanas. As taxas de crescimento populacional mais elevadas dos municípios que estão localizados

¹ Região Metropolitana de São Paulo

ao redor de São Paulo, expõe este processo, onde Taboão aparece como um dos destaques (ANTICO, 2005).

Entre os anos de 1960 e 1970, algumas indústrias se consolidaram na cidade, atraindo diversos imigrantes e migrantes, com destaque para os nordestinos. Na década de 60 a prefeitura concedeu isenção de impostos para que as indústrias se instalassem em Taboão da Serra, atraindo alguns segmentos industriais, com grande destaque para a indústria química (NASCIMENTO, 2008). Contudo, o desenvolvimento foi mais estimulado principalmente a partir da construção da rodovia Régis Bittencourt (na época BR 2, hoje BR 116), inaugurada no início de 1961 ligando São Paulo a Curitiba, que em conjunto com rodovia Raposo Tavares, localizada próximo ao município, tornaram a região uma zona atrativa para as indústrias pela facilidade de escoamento de produção, atraindo ainda mais indústrias e imigrantes (ARAÚJO, 2020).

O município de Taboão da Serra foi emancipado em dezembro de 1958 e, durante a década de 1960, a sua população teve o maior crescimento de todo o período até o momento atual. Passou de 7.173 habitantes em 1960 a 41.124 em 1970, resultando em uma taxa geométrica de crescimento anual de 19,08%, crescimento este significativamente superior ao da sub-região sudoeste (11,12%) da região metropolitana e da própria RMSP (5,24%) no mesmo período. Apesar de taxas sempre inferiores nas décadas posteriores, o incremento absoluto no número de habitantes foi bastante expressivo: 33.951 habitantes na década de sessenta; 55.784 habitantes na década de setenta; 63.176 habitantes na década de oitenta e 37.560 habitantes na década de noventa. O impacto que o aumento da população representou no processo de urbanização da cidade foi imenso, até aquele momento com características ainda de “núcleo de entroncamento”. (TABOÃO DA SERRA, 2010. p 25).

Além das indústrias, o setor de comércio e serviços também impulsionou o crescimento municipal, principalmente por meio dos centros comerciais no centro da cidade, no eixo entre o Largo do Taboão e a Praça Nicola Vivilechio e ao longo da Av. Kizaemon Takeuti, antiga Estrada do Pirajuçara.

Durante as décadas de 80 e 90 do séc. XX os municípios metropolitanos paulistas sofreram uma grande desconcentração industrial e, com isto, o setor de comércio e serviço passou a ganhar mais destaque, ponto crucial para reestruturação da Região Metropolitana de São Paulo. Taboão está incluso neste processo, além do capital comercial o imobiliário também ganha destaque na organização da dinâmica territorial, valorizando e influenciando o espaço urbano deste município (SANTOS, 2013). A partir dos anos 2000, diversos grupos varejistas chegaram à cidade, como Casas Bahia, Hipermercado Extra, e

um dos grandes destaques comercial e turístico da cidade, o Shopping Taboão, inaugurado em 2002 às margens da rodovia BR 116.

Ao mesmo tempo em que Taboão da Serra se relaciona diretamente com São Paulo, local de trabalho e de consumo de parte considerável de sua população, o município também é pólo de comércio e serviços da sub-região, devido a presença de uma rede de serviços e pelos estabelecimentos de grande porte que oferece bancos, hipermercados, concessionárias de veículos, shopping, lojas de móveis, etc. Função esta que se desenvolve, principalmente, ao longo dos eixos viários que definiram a evolução urbana de Taboão: a BR-116 e a avenida Kizaemon Takeuti – que atraem população dos demais municípios do vetor. (TABOÃO DA SERRA, 2010. p 7).

Com a chegada dos imigrantes e o desenvolvimento dos centros de comércio e serviço, o adensamento populacional cresceu e foram surgindo as primeiras aglomerações de baixa renda (NASCIMENTO, 2009). O salto populacional foi intenso na cidade, principalmente a partir de 1960. Da década de 70 em diante, a taxa de crescimento diminui, contudo o incremento absoluto no número de habitantes foi grande no município, como é possível observar na tabela abaixo, retirada do Diagnóstico da situação habitacional - Plano Habitacional de Interesse Social (TABOÃO DA SERRA, 2010).

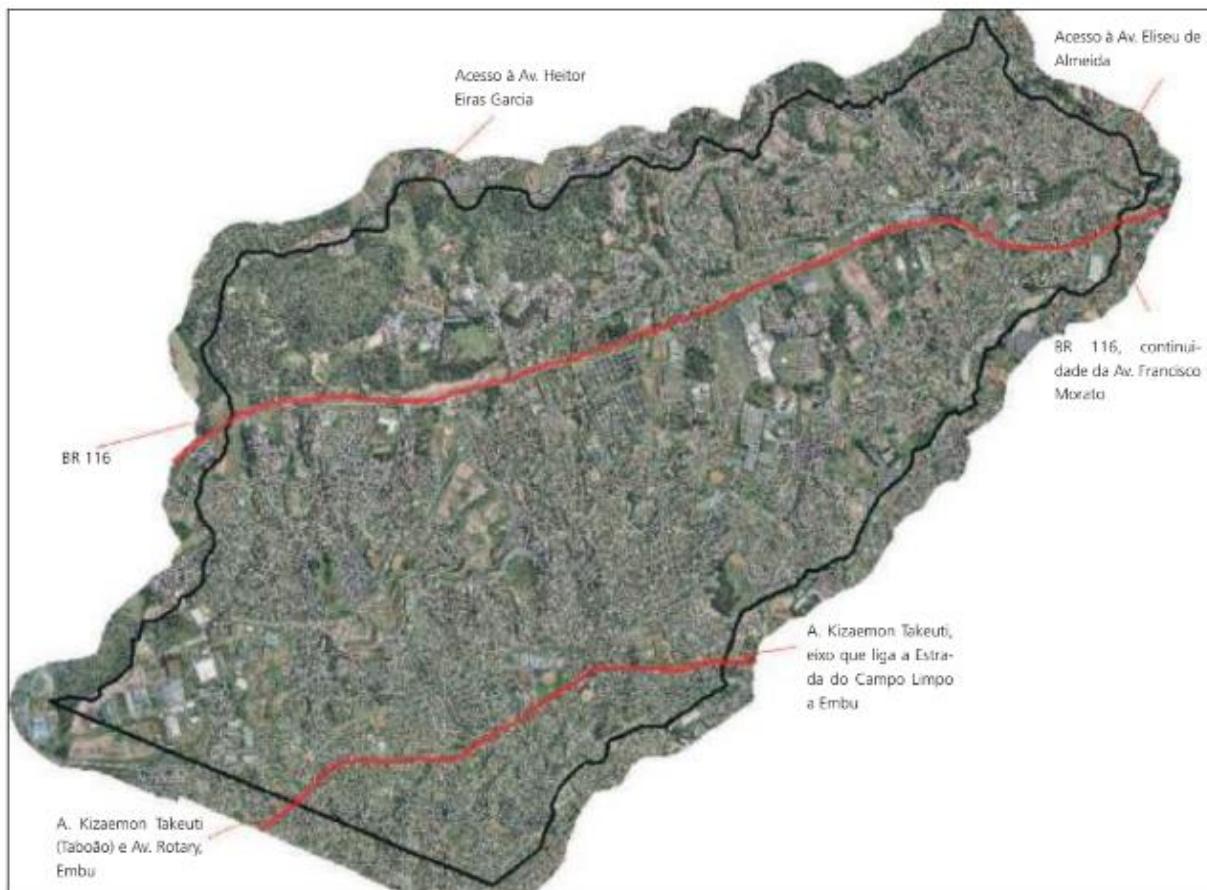
Tabela do crescimento populacional – 1960 á 2007

POPULAÇÃO EM NÚMEROS ABSOLUTOS						
Local/ Ano	1960	1970	1980	1991	2000	2007
Taboão da Serra	7.173	41.124	96.908	160.084	197.644	228.849
Sub-região Sudoeste	37.103	106.482	291.990	473.062	630.566	781.034
Total RMSP	4.905.421	8.172.542	12.575.655	15.452.537	17.878.703	19.586.265

Fonte: Censos IBGE apud Meyer (2004: 56-8). Para os dados de 2007, fonte: EMPLASA <http://www.emplasa.sp.gov.br/portalemplasa/EncontrosMetropolitano/documentos/IME/Populacao.pdf>, acesso dia 13/05/2010.

A expansão das regiões periféricas intensificou-se em 1980 a partir da expansão da capital paulista, onde a cidade de Taboão da Serra tornou-se atrativa para população mais pobre (NASCIMENTO, 2009) por se tratar de uma cidade próxima a São Paulo.

As principais avenidas de circulação estão localizadas no mapa abaixo. Ao analisar o processo de ocupação da cidade é possível observar que a Rodovia BR 116 delimita duas zonas de ocupação principais: o eixo norte e sul.



Mapa 3: Indicação dos principais acessos viários ao município sobre foto aérea do município. Voo Janeiro de 2004. Fonte: Base Aerofotogrametria e Projetos S/A. Diagnóstico da situação habitacional - Plano Habitacional de Interesse Social, 2010, p 10.

O processo de crescimento urbano não aconteceu de forma homogênea pela cidade. Segundo o Diagnóstico da situação habitacional - Plano Habitacional de Interesse Social (2010) -, as maiores taxas de crescimento populacional estão concentradas nos bairros ao sul da Rodovia BR-116, onde estão as populações mais pobres. A parte norte da rodovia tem um crescimento mais recente, contudo, são bairros menos adensados. Entre os bairros ao norte que possuem maiores taxas de crescimentos estão: Parque Monte Alegre, Jardim América e Cidade Intercap II, Jardim Myrna e a parte do Parque Laguna onde estão localizados conjuntos da CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo). Vale ressaltar que alguns bairros ao norte da rodovia concentram uma população com poder aquisitivo maior, como o Jardim América e o Parque Monte Alegre, este último, que desde 2010 vem sendo um local de interesse do mercado imobiliário de condomínios, com financiamentos de bancos, outras cooperativas e mais recentemente, com a construção de um condomínio por meio do programa Minha Casa Minha Vida. Outro grande destaque é o bairro Jardim Iolanda, que

concentra um condomínio residencial fechado, luxuoso e de alto padrão, destoando muito do restante da cidade, com mansões e terrenos à venda a partir de 1 milhão de reais.

Entre os bairros localizados ao sul da rodovia onde observa-se as áreas mais adensadas destacam-se, próximos a Embu, os bairros: Vila Francisco Reimikis, Jardim Saint Morritz I e II, Vila Indiana, Jardim Novo Horizonte, Jardim São Judas Tadeu, Jardim Helena e Jardim Margarida. Além do Jardim Record Gleba C e Sítio das Madres. Mais ao Sul, na divisa com Embu, Jardim Santa Rosa, Jardim Silva, Jardim Leme e Morro do Sabão. E, no miolo do Município, Parque Pinheiros, Parque Marabá. Jardim das Oliveiras, Jardim Beatriz e Jardim São Miguel

A evolução da ocupação do território de Taboão da Serra fez com que o município hoje se apresente cortado longitudinalmente pela rodovia BR-116, dividindo-o em duas porções, acentuando a segregação urbana já presente na cidade. Pode-se dizer que a cidade está dividida de forma que de um lado encontra-se uma faixa mais estreita ao norte, menos densa e com melhores condições de urbanização e ocupação e, de outro, ao sul, uma ampla área ocupada predominantemente por população de baixa renda, densa, onde se concentra grande parte do problema de inadequação habitacional. (MELLO 2018. p 10).

Através dos dados apresentados é possível observar que a expansão urbana de Taboão é intensa, sendo considerada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), como uma região 100% urbanizada. O processo de ocupação foi intenso e rápido, o que reflete na densidade populacional do município: 13.416,81 mil habitantes por quilômetro quadrado, 273.542 mil pessoas ao todo, segundo os dados do censo do IBGE em 2022, a maior densidade demográficas do país.

Taboão da Serra teve sua área ocupada num curto período de tempo, período em que a cidade não se estruturou satisfatoriamente do ponto de vista urbanístico, o que faz com que, desde a sua origem, seja marcada por carencias urbanas. Este fato é acentuado ao se considerar o perfil sócio-econômico que constitui sua população, predominantemente de baixa renda, demandando maior oferta de serviços e equipamentos públicos urbanos. (TABOÃO DA SERRA, 2010. p 12).

1.2 As desigualdades produzidas entre as zonas norte e sul: a questão da moradia

Como visto anteriormente, a ocupação da cidade de Taboão da Serra não é homogênea e alguns bairros destacam-se com maiores concentrações populacionais. Os bairros mais próximos do eixo norte da BR 116 entre o centro da cidade e o shopping Taboão, tais como Parque Monte Alegre, Jardim Maria Rosa, Jardim Ouro Preto e Jardim

América, destacam-se por concentrar uma população com maiores poderes aquisitivos, o que reflete nas características das moradias: grandes casas em um único terreno ou condomínios fechados característicos da classe média. Nestas localidades observam-se melhores infraestruturas urbanas e a presença mais constante de áreas verdes, o que difere do restante da cidade.

Nas áreas onde encontramos as melhores infraestruturas urbanísticas é possível observar a presença de dois modelos de moradia: na primeira, os bairros são compostos majoritariamente de grandes casas construídas principalmente a partir de 1970, e a segunda, representada pelo processo de verticalização que começou a ganhar espaço na primeira década do século XXI, principalmente próximo aos grandes eixos rodoviários, de ruas e avenidas importantes da cidade.



Foto 1: Condomínio residencial localizado no Parque Assunção, em Taboão da Serra. Por Luana Bezerra.

Foto tirada em: 11 abr 2023.



Foto 2: Vista do bairro Parque Monte Alegre, em Taboão da Serra. Por Luana Bezerra. Foto tirada em: 11 abr 2023.

As fotos acima apresentam uma construção de bairros com um pouco mais de áreas verdes - em comparação com os bairros mais pobres que será apresentado logo abaixo -. O tipo de moradia também demonstra mais qualidade, onde as casas, mesmo construídas em uma área de inclinação, possuem boas infraestruturas e acabamento. A presença de muitos tetos de tijolos também indica construções mais antigas e de maior poder aquisitivo. Em alguns destes bairros, como no Parque Monte Alegre e Parque Assunção, encontram-se alguns condomínios com 2 a 5 torres de prédios, porém, são mais antigos que os presentes na imagem abaixo.



Foto 3: Vista do alto da Br 116 dos condomínios da Cooperativa Habitacional Vida Nova - Aprígio Imóveis. Por Luana Bezerra. Foto tirada em: 11 abr 2023.

A foto acima apresenta os apartamentos da Cooperativa Habitacional Vida Nova - Aprígio Imóveis, um conjunto de dezenas de torres ocupando alguns terrenos no bairro Maria Rosa e na lateral da principal rodovia da cidade, a BR 116. São apartamentos com ótima infraestrutura, possuem diversas plantas entre 65m² até 125 m² (fora a cobertura) com preço de mercado a partir de 300 mil reais e que variam bastante, dependendo do tamanho do apartamento. Possuem todos os equipamentos típicos de condomínios da classe média, como academia, parque infantil, diversas quadras e piscinas, além de serviços prestados como aulas de dança, luta e feira de produtos orgânicos. Sua localização também é muito privilegiada, está no meio entre o centro da cidade e o Shopping Taboão, levando em média 5 minutos de deslocamento entre um ponto e outro quando não há trânsito.

Além da cooperativa do Aprígio, outros grupos imobiliários construíram e vem construindo diversas torres de apartamentos nas redondezas do Shopping Taboão, o destaque no quesito infraestrutura e valores mais altos vai para o condomínio Ecos Club, com apartamentos que medem a partir 95 m² e valores de mercado que começam em 600 mil reais nos andares mais baixos até mais de 2 milhões de reais nas coberturas.



Foto 4: Vista do Shopping Taboão e de parte dos apartamentos ao seu redor. Por Luana Bezerra. Foto tirada em: 11 abr 2023

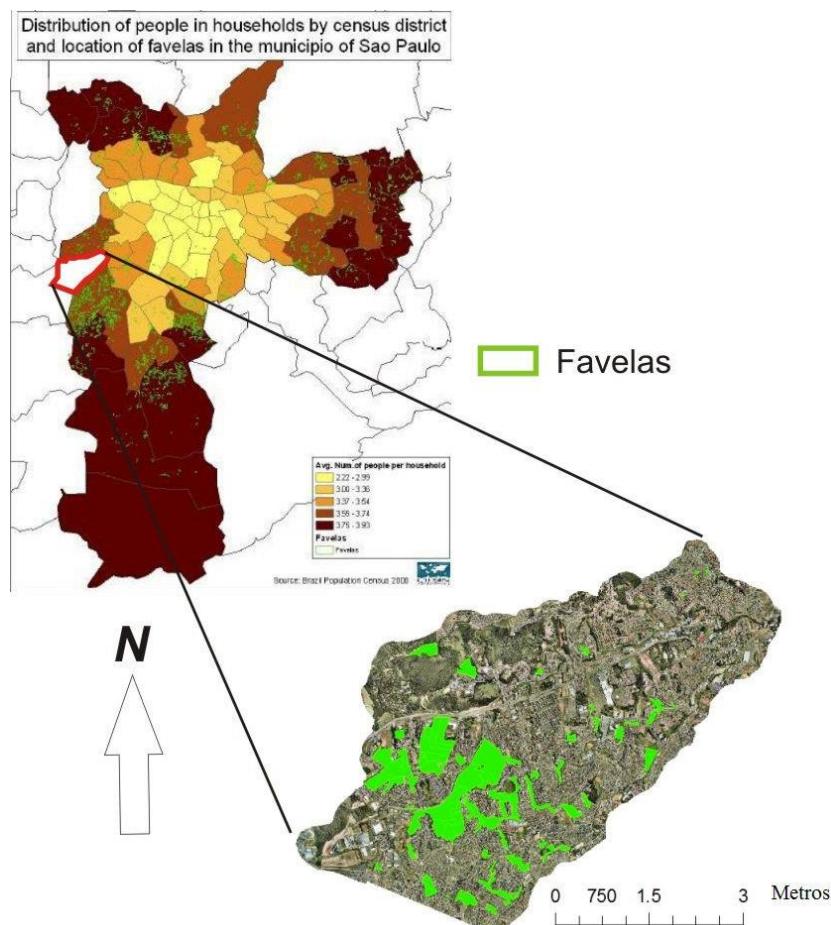
As proximidades do Shopping Taboão em conjunto com a maior facilidade de deslocamento por conta dos eixos rodoviários, valorizam o entorno e intensificam a especulação imobiliária dos terrenos. Na parte norte da cidade é onde encontramos as maiores redes de supermercados, de diversidade de escolas particulares, de clínicas que

prestam serviços dos mais variados tipos, como estética, médica e de atividades físicas. Até os serviços públicos, como hospitais, possuem uma melhor organização e funcionamento nesta área do que na parte mais ao sul do município.

O mercado imobiliário tem promovido um processo de verticalização, localizado em algumas regiões do município melhor urbanizadas. Este processo traz consigo a substituição de usos habitacionais horizontais por terciários que, em alguns locais do município, atende também o seu entorno (Butantã, Campo Limpo, Embu). A implantação de condomínios horizontais e verticais estão voltados predominantemente para a classe média. (TABOÃO DA SERRA, 2010. p 28).

Esta maior diversidade de infraestrutura, de qualidade de moradia como nas fotos que representam as casas e os apartamentos descritos, apresentam um estilo arquitetônico e um padrão de vida mais típico da classe média, muito diferente dos bairros mais pobres e mais adensados da cidade, como será apresentado a seguir.

As zonas mais periféricas da cidade de Taboão da Serra estão mais concentradas no eixo sul da BR 116, como exposto no mapa abaixo.



Mapa 4: Concentração de favelas em São Paulo e Taboão da Serra. Fonte: Hoffman (2008), PMTS (2011).

Diferente do padrão arquitetônico das moradias do eixo norte, os bairros e casas do eixo sul possuem outras características e formas de se organizarem. O padrão mais comum são as moradias autoconstruídas pelos moradores e suas famílias. A lógica dos bairros ora segue um padrão de divisão de lotes e quadras, ora se apresenta de maneira mais orgânica, sem lotes e quarteirões definidos, com pouco espaço entre as casas, típico de construções de favelas, onde o deslocamento das pessoas acontece entre as vielas.

Essa fatia, nomeada autoconstrução, é entendida como provisão de moradia onde a família, de posse de um lote urbano, obtido no mercado formal ou informal, decide e constrói por conta própria a sua casa, utilizando seus próprios recursos e, em vários casos, mão-de-obra familiar, de amigos ou ainda contratada. (NASCIMENTO, 2011.p 2.)



Foto 5: Vista do bairro Sítio das Madres. Por Luana Bezerra. Foto tirada em: 17 abr 2023.

Importante salientar que as autoconstruções não são apenas escolhas destes moradores, mas sim uma necessidade imposta perante a ausência do poder estatal de garantia do direito básico de morar com qualidade, que em conjunto com a intensa especulação de áreas mais centrais da cidade, expulsa as classes mais baixas para regiões onde a saída mais viável é a ocupação de terrenos menos valorizados para a construção de moradias feitas com o conhecimento que estes possuem. As autoconstruções são uma resposta material para expansão desigual e excluente do tecido urbano.



Foto 6: Vista para o Parque Pinheiros. Por Luana Bezerra. Foto tirada em: 9 mai 2023.



Foto 7: Vista do Jardim Record. Por Evandro Lima.



Foto 8: Vista para o Jardim Trianon. Por Luana Bezerra. Foto tirada em: 11 abr 2023.



Foto 9: Vista do Jardim Saint Moritz. Por Vitor Bezerra.



Foto 10: Entre as vielas do Jardim Record. Por Evandro Lima.

Como dito anteriormente, a expansão das regiões periféricas intensificou-se em 1980, a partir da expansão da capital paulista, onde a cidade de Taboão da Serra tornou-se atrativa para população mais pobre (NASCIMENTO, 2009) por se tratar de uma cidade próxima a São Paulo e com vários eixos de rodovias que a ligam a grande capital, como Br 116, Rodovia Raposo Tavares, Avenida Francisco Morato e Eliseu de Almeida.

Com uma suposta ausência estatal lotes de terrenos passam a ser vendidos por empreendedores imobiliários em lugares distantes e sem infraestrutura das até então áreas centrais. As periferias surgem como um espaço destinado para moradia do trabalhador, que são responsáveis por construir suas próprias casas (ALVES, 2018).

De acordo com o Plano Habitacional (2010), existem duas formas de classificar as moradias em zonas periféricas: os loteamentos clandestinos e as favelas. Os loteamentos são grandes áreas que foram ocupadas pela população mais pobre e loteadas

sem o consentimento do poder público, com grande ausência de procedimentos administrativos como documentação de posse da terra e aprovação para construção. As favelas diferenciam-se dos loteamentos clandestinos pela forma das moradias, são autoconstruções sem a organização dos lotes e quadras, ocupam áreas primordialmente desvalorizadas pelo mercado imobiliário, como fundos de vale, áreas sujeitas a inundações e encostas de morros com altos níveis de declividade.

Como apresentado nas imagens acima e diferente do que demonstrado nas fotos das moradias mais comuns do eixo norte, a ocupação sul da cidade é mais adensada, com muitas casas sem acabamento, construídas ora seguindo um padrão de lote e quadras, ora de forma mais orgânica sem estas divisões. Muitos telhados, como é possível observar nas imagens, são de laje batida ou possuem telhas de fibrocimento, um padrão arquitetônico mais barato do que as telhas de cerâmica, muito comum no eixo norte.

Outro aspecto importante das ocupações destas casas são as construções de mais de uma moradia em um único lote. A divisão do terreno ou a construção de uma casa em cima da outra serve para diversos fins, desde abrigar um grupo familiar maior ou até servir como uma fonte de renda, por meio do aluguel a outras famílias. O movimento pelos bairros também é mais intenso, há toda uma gama de atividades do terceiro setor principalmente destinadas à alimentação, como feira, mercados, sacolão e restaurantes de bairro, um típico desenvolvimento econômico sobre o qual Santos (1979) classificou como circuito inferior da economia.

O circuito inferior, formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente à populações pobres, é, ao contrário, bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região. (SANTOS, 1979, p. 16).

Os finais de semana são marcados por uma intensa movimentação, com futebol de várzea nos campos, crianças e adultos frequentando as poucas praças e parquinhos, ruas fechadas destinadas a lazer, garagens e calçadas com reuniões familiares e de amigos, comércios cheios de trabalhadores que possuem algum dia de folga. Há toda uma vida que pulsa pelas ruas dos bairros, não apenas dentro dos muros de condomínios e casas.

As construções dos loteamentos clandestinos e das favelas marcam o processo de expansão da periferia paulista e apresentam uma resposta à problemática da habitação. Como apresenta o relatório Construção de Moradias na Periferia de São Paulo: Aspectos Socioeconômicos e Institucionais (Secretaria de Planejamento do Estado de São Paulo,

1979) “o fenômeno da autoconstrução [...] traz em si a marca da exclusão” (SANTOS, 1990).

A exclusão apresentada pode ser vivida de várias formas: dificuldade de acesso a transporte, saúde, educação, lazer, e com o foco do presente trabalho, a questão da casa própria de qualidade. Adquirir um imóvel na periferia, mesmo que este não tenha, a princípio, documentação, demonstra a conquista do direito à moradia, contudo são pessoas que continuam sem o direito à cidade, pois estão excluídas das riquezas socialmente produzidas (ALVES, 2018).

A segregação urbana ou ambiental é uma das faces mais importantes da desigualdade social e parte promotora da mesma. À dificuldade de acesso aos serviços e infraestrutura urbanos (transporte precário, saneamento deficiente, drenagem inexistente, dificuldade de abastecimento, difícil acesso aos serviços de saúde, educação e creches, maior exposição à ocorrência de enchentes e desmoronamentos etc.) somam-se menos oportunidades de emprego (particularmente do emprego formal), menos oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer. (MARICATO, 2003, p. 152).

A construção de espaços desiguais reflete a dinâmica própria da expansão do tecido urbano. Historicamente, as populações mais vulneráveis socioeconomicamente ocupam regiões periféricas, que são as áreas carentes de infraestruturas, quando, por conta da expansão do tecido urbano, estas infraestruturas chegam neste espaço, o custo de vida se eleva e aqueles que não podem pagar pela melhoria, como por exemplo o aumento do aluguel, são expulsos para áreas mais distantes onde novamente os equipamentos urbanos são mais escassos.

A forma de urbanização apresentada reflete, então, como o processo de expansão da cidade exclui as populações mais pobres. A ideia de falta de planejamento é falsa, já que é necessário manter um espaço lucrativo para a expansão do capitalismo no meio urbano. A suposta ausência de planejamento na verdade são ações de expansão do capitalismo, pois quando as áreas mais centrais já estão hipervalorizadas a periferia surge como nova zona de investimentos, assim, qualquer melhoria de infraestrutura valoriza o espaço que passa a ser novamente excludente com quem não pode pagar. Portanto, mesmo dentro de uma região periférica, a atuação do processo especulativo e do mercado imobiliário acontece e acentua os problemas urbanos que ali historicamente se fazem presentes.

A proximidade com o vetor sudoeste do município de São Paulo, eixo de expansão do centro expandido da metrópole, cria grandes possibilidades imobiliárias privadas, sobretudo voltadas para os segmentos médios, carregando em si a possibilidade de alteração do perfil da população e expulsar os moradores de renda baixa e média baixa. (TABOÃO DA SERRA, 2010. p 28).

Nesta análise, a expansão do tecido urbano não reflete apenas o crescimento da cidade, mas também a atuação do mercado imobiliário, que articulado com o Estado, passa a valorizar áreas, colocando em risco o morar das populações vulneráveis (ALVES, 2018). Este processo de reprodução do meio urbano ilustra a contradição estrutural que garante a reprodução do sistema capitalista: a produção é social, mas a apropriação é privada. O espaço então é tratado como mercadoria e a cidade se apresenta como fonte de privação onde consequentemente alimentam-se conflitos (CARLOS, 2017).

Os sujeitos desses conflitos têm como destaque os movimentos sociais contra os capitais imobiliários e financeiro, estes, que contam muito mais com o apoio das articulações do Estado, do que a população mais carente dos movimentos sociais (CARLOS, 2018). A luta pelo acesso à moradia ganha força neste contexto do espaço urbano sendo tratado como mercadoria, recorre-se, então, a leis que possam garantir o pertencimento na cidade, para que seja possível reproduzir a vida.

CAPÍTULO II

2.1 MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto: como surgiu e se consolidou

A partir deste espaço socialmente construído de forma desigual, os movimentos de luta por moradia ganham força. O MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) se consolidou em 1997, na cidade de Campinas, após a *Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça*, organizada pelo MST (Movimento dos Sem Terras). Este foi um momento marcante para a consolidação do movimento, pois milhares de famílias formaram sua primeira ocupação de terra urbana, nomeada Parque Oziel (em homenagem a Oziel Alves Pereira, o trabalhador mais jovem assassinado no Massacre de Eldorado de Carajás, em 1996) (GUARITÁ, 2018).

A princípio o MTST surge como uma vertente do MST, o que explica a forma similar de atuação destes movimentos. As experiências de luta são compartilhadas e recriadas para o ambiente urbano, as ocupações, greves, fechamentos de rodovias, marchas, são ações presentes no MST que foram implementadas pelo MTST na luta pelo

espaço das cidades. A força do movimento ganha tanto destaque e relevância, que a partir dos anos 2000, passa a ser considerada uma das maiores organizações de movimentos urbanos da América Latina (SANTOS, 2021).

O MTST se coloca como um movimento de luta urbana, com campo de atuação nas zonas periféricas, em áreas denominadas de latifúndios urbanos da Cidade de São Paulo, - conforme denomina o movimento os terrenos que, abandonados, não cumprem uma função social - (SANTOS, 2021) definindo estratégias, ocupando terrenos, organizando os acampamentos (MIAGUSKO, 2012) e mobilizando a classe trabalhadora. O movimento não possui apenas o foco na moradia, mas também na construção de uma luta constante visando uma forma de cidade mais inclusiva e justa, por meio da reforma urbana.

Afirmamos que o MTST não é um movimento de moradia. Lutamos por moradia, mas entendemos que esta luta é parte de uma luta maior por condições de vida dignas. É aqui que entra nossa proposta de uma Reforma Urbana. Defendemos uma transformação profunda no modo como as cidades estão organizadas. Hoje as cidades servem para dar lucro e são gerenciadas como uma empresa pelos governantes. Há gente que ganha bilhões com a expulsão dos trabalhadores para as periferias e com a precariedade dos serviços públicos. Expulsando os mais pobres do centro, os especuladores de terra e empreiteiros veem seus condomínios de luxo, prédios de escritório e outras obras se valorizarem cada vez mais. Mantendo a saúde pública precária, ganham as empresas de planos de saúde; mantendo a educação pública precária, ganham os donos de escolas particulares; mantendo transporte público precário, ganham as grandes empresas de produção de automóveis; e assim por diante. Assim, a bandeira de uma Reforma Urbana profunda e popular torna-se uma luta fundamental contra os interesses do capital. (CARTILHA DE PRINCÍPIOS, 2005, p.4).

Desde a ocupação de Campinas, o movimento cresceu e passou a se expandir pela cidade de São Paulo, ocupando diversas áreas da região metropolitana, como Guarulhos, Osasco, ABC paulista e avançado por meio das principais rodovias do estado, como Santos Dumont, Bandeirantes, Anhanguera, Dutra, Raposo Tavares e Castelo Branco. Ainda sobre o processo de amadurecimento político do movimento, o MTST passou a promover ações em diversos outros estados do Brasil, através da criação de novos grupos de atuação, como no Pará, Roraima, Amazonas, Sergipe, Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Distrito Federal. O crescimento espacial e o amadurecimento político do movimento o fizeram ter sua identidade formada, não apenas como uma vertente do MST, mas sim como um movimento com características próprias e bem estruturadas em pró da luta pelo espaço urbano.

Entre as ações do movimento, a luta por moradia aparece muitas vezes como destaque. Como dito acima, esta não é a única reivindicação do MTST, contudo, acaba sendo um dos principais pilares para sua organização e atuação. Por meio do desenvolvimento das cidades, as populações pobres são continuamente expulsas para as regiões periféricas. A cidade como negócio (CARLOS e ALVAREZ, 2015) trata o espaço urbano como um produto, sob o qual precisa ser vendido a um consumidor, aqui, o mercado imobiliário ganha destaque como um sujeito principal da configuração das cidades.

Como discutido por Carvalho (2013) e Pereira (2013), tendo como base autores como Harvey (2005) e Gonzalez (2010), as governanças das cidades latino-americanas, sob a perspectiva neoliberal, vem assumindo uma forma de desenvolvimento urbano que trata o espaço como um empreendimento. Para isto são desenvolvidas diversas ações de marketing que buscam a venda de uma imagem desta cidade, por meio de um planejamento empresarial onde o espaço é um sujeito econômico. O intuito é o aumento da competitividade e a atração de mais investimentos. As consequências deste processo são diversas, entre elas a especulação imobiliária e mercantilização das cidades, a gentrificação, principalmente de áreas centrais dotadas de infraestruturas e que geram grandes empreendimentos para o terceiro setor e para moradias de alto e médio padrão. A parceria público/privada ganha força e o capital possui maior liberdade e flexibilidade para atuar na produção do espaço. Assim, o espaço passa a ser remodelado de acordo com as vontades do capital em detrimento das necessidades da maioria das populações (CARVALHO E PEREIRA, 2013).

Com a restrição dos recursos, inversões e ações estatais, a ênfase nos mecanismos de mercado e a nova primazia do capital imobiliário, esse desenvolvimento se consolida e a nova primazia do capital imobiliário, esse desenvolvimento se consolida dentro de uma lógica mais estritamente capitalista e ignorando, deixando em segundo plano, ou até contrariando, as necessidades e demandas mais amplas da maioria da população. (CARVALHO e PEREIRA, 2013. p 8).

O processo descrito acima explica como e por que a população mais pobre é continuamente expulsa para zonas mais periféricas, onde o capital imobiliário ainda não expandiu e trata grandes terrenos, como os nomeados de *latifúndios urbanos* pelo MTST, como zona de especulação futura. Como explicado no capítulo 1, a negação do direito à cidade aparece de diversas formas, como na ausência de moradia própria.

Desde a Constituição de 1988, a moradia é um direito por lei, mas não só isto. O sistema antigo, instituído em 1964, tinha como destaque o Banco Nacional de Habitação (BNH) que garantia a construção de moradias populares em zonas periféricas que não possuíam as demais infraestruturas do urbano, como escola, postos de saúde, transportes, acesso a trabalho nas proximidades. A Emenda Constitucional nº 26/2000, incluiu o direito à moradia no rol dos direitos sociais dos cidadãos, mostrando um avanço para melhoria do atendimento público à população, ao incluí-lo em conjunto com outros serviços essenciais para reprodução da vida.

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Constituição Federal. Brasília, 4 de fev 2010).

Mesmo diante deste direito constitucional, o que observamos é o seu não cumprimento. Milhares de famílias não possuem moradia própria e vivem em condições precárias em áreas não apenas desvalorizadas pelo mercado imobiliário, como também carentes de infraestrutura básica para manutenção e reprodução da vida. O artigo 6º da constituição oferece base judicial para a atuação de diversos movimentos sociais, como o MTST, que como apresentado acima defende uma reforma urbana estrutural na produção das cidades. A luta por moradia, além de ser respaldada pela lei, é primordial na estruturação das cidades, pois o morar estrutura diversas outras relações sociais, como busca de emprego, lazer, consumo, educação, além de garantir a manutenção da vida de cada sujeito que compõe sua família em suas diversas formas de organização.



Mapa 5: localização das áreas de estudo. Fonte: Luana Bezerra.

2.2 - A sede nacional do MTST: o Casarão da Luta

A sede nacional do movimento está localizada em Taboão da Serra, no bairro Jardim Salete, próximo ao condomínio João Cândido e na mesma quadra que os novos empreendimentos do movimento, os condomínios Chico Mendes.

Como o próprio nome já sugere, trata-se de uma grande propriedade que pertenceu ao primeiro prefeito da cidade - entre os anos de 1959 a 1963 -, Nicola Vivilechio. O casarão possuía mais propriedade, mas com a morte de Vivilechio, sua filha, Salete, loteou e vendeu parte das terras, surgindo, assim, o bairro Jardim Salete. Parte do terreno ainda é mantido e foi reivindicado pelo MTST para então ser transformado em sua sede nacional (SILVA 2018).



Foto 11: Frente do Casarão da Luta. Por Luana Bezerra. Foto tirada em 04 jul 2023



Foto 12: Dentro do Barracão, onde ocorrem as reuniões do movimento. Por Luana Bezerra. Foto tirada em 04 jul 2023.



Foto 13 e 14: área externa do Casarão, onde ocorre a cozinha solidária do MTST. Por Luana Bezerra.

Foto tirada em 04 jul 2023.

Diversos encontros do movimento são realizados no “barracão” (apresentados nas primeiras imagens acima). O lugar é sede para reuniões, grupos de estudo, festas e diversas outras atividades que englobam os setores que compõem e organizam o movimento.

2.3 - MTST na cidade de Taboão da Serra

No município de Taboão da Serra o MTST possui uma forte atuação. Segundo os autores do livro "MTST: 20 anos de história, a ocupação Chico Mendes", realizada em 2005 e localizada nas redondezas do município em questão, pode ser considerada um "corte" histórico da trajetória do movimento (SIMÕES, 2017).

Taboão é a típica cidade de região metropolitana: parte significativa de sua população trabalha em São Paulo e volta ao fim do dia para um território "mais barato", mas também mais distante e com precária infraestrutura. A ocupação, localizada quase na fronteira com o bairro paulistano do Campo Limpo, cresceu e tornou-se referência na região. [...] Conquistou-se uma vitória parcial ao se arrancar, em negociação, a perspectiva de construção de mais de 800 apartamentos, o que anos depois desdobrou-se no condomínio João Cândido. (SIMÕES, 2017 p.28).

A expansão nacional do movimento ganhou forças durante parte dos governos petistas (2003 a 2015). As ocupações Chico Mendes e João Cândido são momentos simbólicos, pois marcam um amadurecimento em sua organização. A chegada de novos militantes e a participação de ativistas, deram corpo para o movimento, que fortaleceu sua organização por meio das brigadas (hoje chamadas de setores) (FALCHETTI, 2019).

A ocupação Chico Mendes estava localizada no Jardim Henrique, em um terreno de aproximadamente 120.000 m² que abrigava cerca de 5 mil famílias. O terreno era de uma cooperativa habitacional que faliu, a Paulicoop. A construtora não terminou as obras pois foi embargada pela justiça por problemas no projeto. Os dois prédios até então erguidos foram abandonados (FALCHETTI, 2019). Vale ressaltar que até hoje as duas torres não finalizadas encontram-se ocupadas por algumas famílias, mas não pelo movimento em si.



Foto 15: Ocupação João Cândido em 2005, localizado em Taboão da Serra. Fonte:

<https://www.otaboanense.com.br/cdhu-inicia-obras-do-residencial-chico-mendes-em-taboao-da-serra/>

Sob a ameaça de despejo dos terrenos, o movimento organizou uma grande manifestação, com greve de fome em frente ao prédio de residência do então e atual Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em São Bernardo do Campo, para que o governo federal interviesse na decisão judicial sobre o despejo. (GUARITÁ, 2018). Em dezembro de 2005, após 5 dias de greve de fome, o movimento conseguiu um acordo com o governo federal para a construção de casas, que deveriam ser feitas em áreas destinadas à ZEIS (Zona Especial de Interesse Social) (FALCHETTI, 2019).

A história dos empreendimentos João Cândido e Chico Mendes estão territorialmente localizados em Taboão da Serra, no bairro Jardim Salete. A área foi negociada junto com a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), associada ao Estado de São Paulo que negociou com a Prefeitura de Taboão da Serra (PMTS), sob o comando de Evilásio Cavalcante de Farias (PSB em coligação com o PT), o governo do Estado de São Paulo (PSDB), o MTST e o MST-TS². O movimento, então, tenta articular forças políticas partidárias para realizar a construção dos empreendimentos (GUERREIRO, 2018).

A tática assumida pelo MTST entre os anos de 2006 e 2008 nesta cidade foi a de articular forças político-partidárias, com o objetivo de efetivar um grande empreendimento habitacional, avaliado como elemento necessário à meta de massificação do movimento. Esta articulação envolvia, junto à prefeitura, a pressão pela conquista de terra e, junto ao Estado, financiamento e produção das unidades habitacionais. As duas esferas de governo, geridas por forças políticas antagônicas, foram acionadas e colocadas em confronto por meio do método de ação política do MTST, que envolve ação direta em manifestações, fechamento de rodovias, ocupação de terras e sedes administrativas, combinada com mesas de negociação pautadas pelo acirramento da correlação de forças. O MTST se associou ao MST-TS na perspectiva de iniciar uma relação estratégica com a CDHU (através do PSDB), ponte importante de apoio na expansão estadual do movimento, meta daquele momento (entre 2006 e 2009). (GUERREIRO, 2018 p. 368).

A desapropriação do terreno aconteceu em setembro de 2008, pela própria CDHU, para construir os conjuntos habitacionais destinados, à princípio, para 1000 famílias da região sudoeste da Grande São Paulo, como as que se encontravam em grandes e importantes ocupações de terra: a João Cândido, na divisa de Itapecerica da Serra com Valo Velho e a Silvério de Jesus, em Embu das Artes (GUERREIRO, 2018).

Os anos de 2006 a 2008 foram marcantes para o movimento. Com o lançamento do Programa Minha Casa Minha Vida por parte do governo federal, a atuação do movimento ganha a possibilidade de ultrapassar a escala estadual, permitindo articulações

com diversas organizações populares, com intuito de mediar o acesso às políticas sociais do governo. É por meio do Programa Minha Casa, Minha Vida - Entidades (MCMV-Entidades) que o movimento vê a possibilidade de se articular.

O MCMV-Entidades tem por finalidade a concessão de financiamento subsidiado a famílias organizadas por meio de entidades privadas sem fins lucrativos para produção de unidades habitacionais urbanas, por meio dos recursos do Fundo de Desenvolvimento Social (FDS). O Programa apoia a produção social da moradia e a participação da população como protagonista na solução de seus problemas habitacionais, estimulando a organização popular e a produção habitacional por autogestão. [...] a entidade deve manter uma relação próxima com o grupo de famílias, cuja participação no processo de elaboração do projeto e na execução do empreendimento é muito importante e deve ser estimulada, pois amplia o controle social da alocação dos recursos públicos, bem como gera engajamento das famílias e um vínculo com a sua futura moradia. (Ministério das cidades, Brasil, 27 jul 2023).

Em 2009, o movimento organiza o I Encontro Nacional e lança a Resistência Urbana - Frente Nacional de Movimento Urbanos, onde se destaca como protagonista. (GUERREIRO, 2018).

Diante deste cenário a proposta dos empreendimentos do Jardim Salete ganha força, pois se mostra como uma possibilidade viável de construção além de apresentar as mediações diretamente com o Estado. Em 2009 a CDHU e a PMTS, começam a desenvolver as articulações para construção dos empreendimentos e a área é definida como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS). (GUERREIRO, 2018).

Neste momento crescem as tensões: de um lado, a CDHU oferece um projeto de construção padronizado, enquanto a PMTS propõe um desenho de dimensões maiores, com mais qualidade na arquitetura e nas funções urbanísticas. Assim, o MTST, com orientação da Usina-CTAH, responsável pela construção de habitações populares de movimentos sociais tanto no campo, quanto na cidade, busca pressionar as construtoras para que o projeto seja inédito, com participação popular e realizado pela PMTS (GUERREIRO, 2018).

Os contínuos debates e as constantes mudanças nos projetos prolongaram o tempo previsto de construção das moradias. A ideia inicial da Usina-CTAH consistia em um projeto muito mais inovador, com áreas verdes, interligação dos espaços, um modelo arquitetônico que aproveitasse todo o terreno e que demonstrasse a possibilidade de moradia popular com alta qualidade urbana e arquitetônica. Contudo, a CDHU apresentou

diversos contrapontos ao projeto original, reforçando sua visão conservadora de como as moradias populares deveriam ser construídas. A ideia se mostrava muito inovadora e, como justificado pela CDHU, muito cara, mesmo a Usina-CTAH apresentando relatórios claros de que era possível realizar as obras.

De acordo com trabalhos científicos (CAMARGO, 2016; GUERREIRO, 2016) e ressaltando e entrevistas com a secretaria de habitação, a prefeitura persiste que se pensasse no planejamento urbano da área direcionada ao MTST, como previsto pelo Plano Diretor recém aprovado, e posteriormente, aprofundando pela Usina-CTAH, assessoria técnica de moradia popular com 25 anos de experiência que naquele momento havia sido contratada pela própria Secretaria. Do outro lado, a CDHU se demonstra resistente à utilização das técnicas construtivas propostas pela assessoria e insistia no projeto de torres monofuncionais, ilustrados pela própria companhia, junto aos movimentos sociais que no final das contas, acabaram por decidir pelo projeto do órgão estadual visando, o que não aconteceu, dar agilidade o processo de aprovação dos projetos. (GUARITÁ, 2018, p.78).

Figura 1: Projeto original realizado pela Usina para os empreendimentos do Jardim Salete, em 2009.



Fonte: GUERREIRO, 2018 p. 371.

O diálogo de anos entre as instituições, em conjunto com uma contínua flexibilização das metas do MTST de construção de uma arquitetura pensada na qualidade estrutural e urbanística, possibilitou que no ano de 2015 a primeira etapa dos empreendimentos fosse concluída, o Condomínio João Cândido (GUERREIRO, 2018). Várias mudanças foram feitas e replanejadas, o projeto final não seguiu as propostas da Usina-CTAH nem os modelos pilotos da CDHU, um novo modelo foi pensado e arquitetado para tentar garantir, mesmo que não na intensidade do projeto original da Usina-CTAH, uma moradia de qualidade que abraçasse o maior número possível de famílias.

O MTST, no entanto, reafirma sua postura inicial, na qual a construção no Jardim Salete tinha significado estratégico na nacionalização do movimento como vitória material (para as bases) e como articulação interna ao Estado. Embora o movimento tenha assumido a importância de bancar o projeto por ser diferenciado, sua preferência era a de concretizar a construção da maneira que fosse necessário. (GUERREIRO, 2018 p. 373).

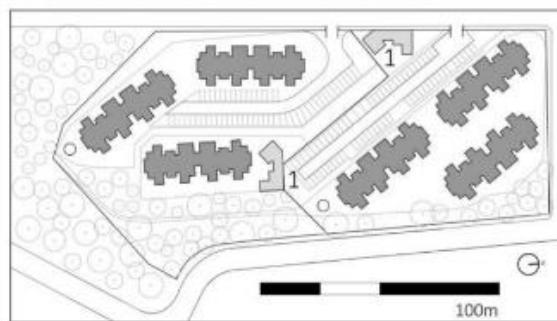
Figuras 2 e 3: Maquete do empreendimento e comparação do projeto aprovado e do realizado no Conjunto João Cândido.



Projeto Aprovado (Usina - 2012)



Projeto Executado (Construtora - 2013)



Fonte: GUERREIRO, 2018 p. 380.

A busca pela qualidade das moradias e pela infraestrutura permaneceu em pauta durante todo o período de debate e disputa sobre como os empreendimentos iriam ser construídos. A ideia inicial apresentava mais modernidade e inovações, contudo, pela não aceitação das entidades construtoras de um lado, e pela busca do MTST de tentaram garantir uma necessidade latente do agora, que é a moradia, as flexibilizações alteraram o projeto, mas conseguiram, por fim, entregar parte das unidades.

Vale ressaltar que a história dos movimentos sociais, como o de moradia, buscam constantemente garantir o seu direito e sua reprodução. Os sem tetos elucidam o debate sobre o valor da terra e sobre a necessidade de moradias fixas para que seja possível a criação de possibilidades para a superação das carências imediatas da vida cotidiana, visando a melhoria na qualidade de vida.

Nada que não fosse esperado, dado que os empreendimentos dos movimentos de moradia sempre foram não padronizados e resultados de processos de luta, inclusive técnica, no interior dos órgãos públicos. Este sempre foi um dado inicial, considerando que a organização popular está em luta não apenas pela unidade habitacional mínima – dentro da lógica do Estado e do mercado –, mas por cidade, o que significa, na prática, transformá-la e, portanto, produzi-la de maneira diferenciada. (GUERREIRO, 2018 p. 374).

2.4 - Condomínio João Cândido

Foi no ano de 2015 que os condomínios João Cândido A e B foram entregues. Os empreendimentos contam com 6 torres com 8 andares cada uma, são compostos de 2 a 3 dormitórios e metragem de 57 m² e 64 m². O total de apartamentos entregues foram 384, com revestimento, varanda e todos adaptados e acessíveis para pessoas portadoras de deficiência física. Segundo uma entrevista do Paulo Félix, líder do MST-TS, concedida para o podcast Programa DaHora, a maior prestação dos apartamentos é de R\$88,00.

É preciso dar um destaque para o principal modelo e referências de construção de moradia popular no Brasil, o Condomínio João Cândido, em Taboão da Serra. Inaugurado em 2015, o Condomínio João Cândido é resultado expresso das lutas do MTST na região. Tornou-se um paradigma na construção de moradias populares por conta da forma como foi construído, a partir da modalidade “Entidades” do programa Minha Casa Minha Vida. O tamanho dos apartamentos (cerca de 63 m²), a qualidade do empreendimento e, sobretudo, a participação dos moradores na totalidade do processo fazem desta a principal experiência de conquista econômica desses 20 anos. (BOULOS, 2018 p.33).



Foto 16 e 17: Lateral do condomínio João Cândido, área de lazer e ponto de ônibus. Por Luana Bezerra.

Foto tirada em: 04 jul 2023.



Foto 18: Frente do condomínio João Cândido. Caminhão fazia reparos no asfalto da rua. Por Luana

Bezerra. Foto tirada em: 04 jul 2023.

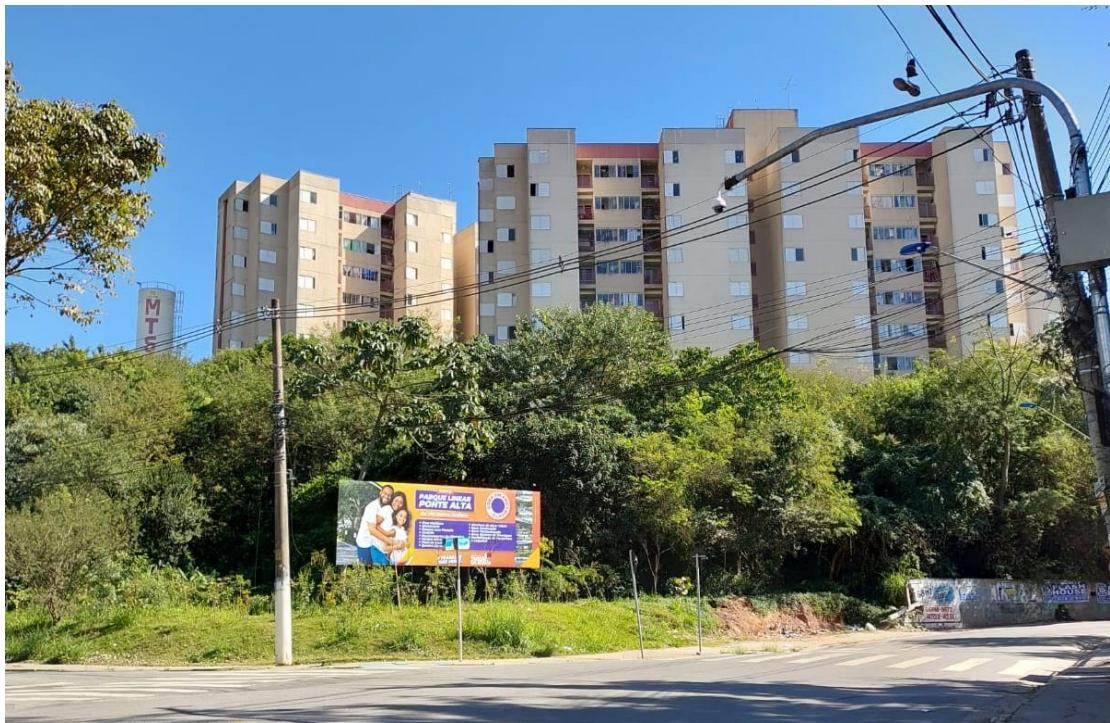


Foto 19: Perspectiva do condomínio em uma das ruas laterais. Na placa, a prefeitura sinaliza a construção do primeiro parque linear, localizado próximo aos apartamentos. Por Luana Bezerra. Foto tirada em: 04 jul 2023.

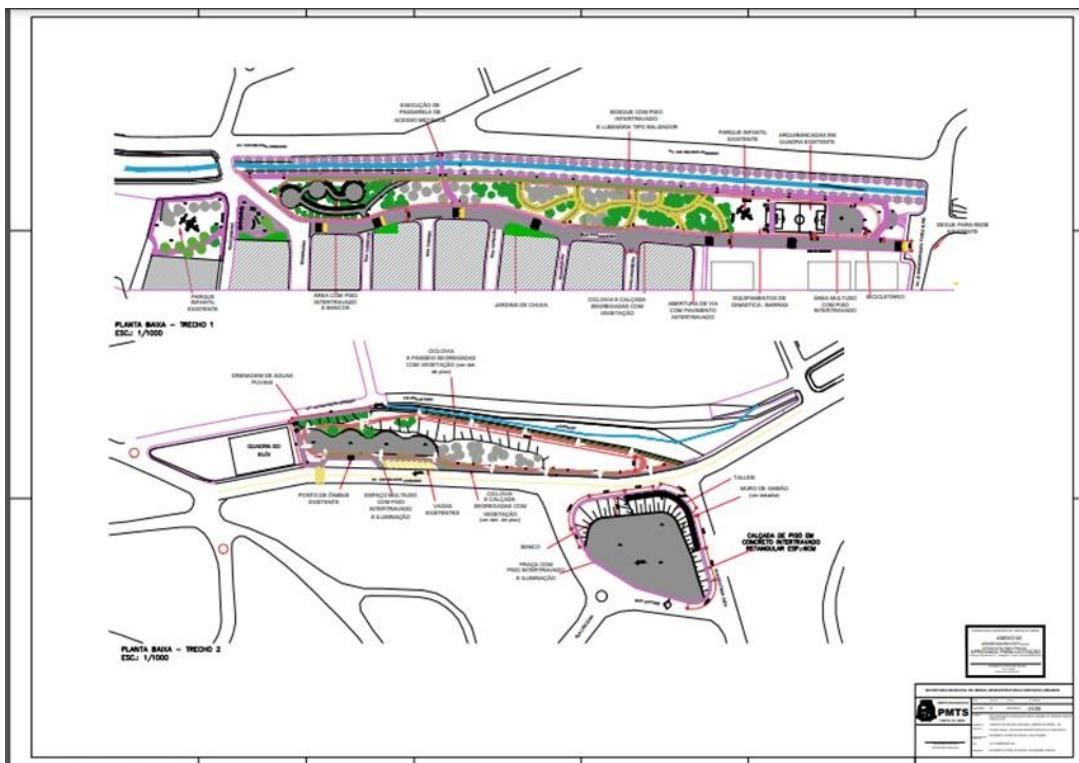


Figura 4: Maquete do parque linear Ponte Alta. Fonte: <https://www.otaboanense.com.br/prefeitura-de-taboao-da-serra-inicia-obra-do-parque-linear-na-cid-nelson-jordan/> Acesso em 05 jun 2023.

A maquete acima mostra o desenho do parque linear Ponte Alta, localizado entre a Avenida Cid Nelson Jordano e a Avenida Jorge Rodrigues Pascoaline. O espaço, caso seja construído, contará com diversas infraestruturas, como ciclovia, bicicletário, pista de caminhada, quadra esportiva, área multiuso, parque infantil, bosque com passeio, equipamentos de ginástica, nova pavimentação, sistema de drenagem, nova iluminação, além da revitalização de passarelas e calçadas. O condomínio João Cândido está localizado na rua acima das futuras instalações do parque, em uma área mais alta do relevo.



Foto 20: perspectivas de dentro dos apartamentos João Cândido. Disponível em:
<https://www.redebrasilitual.com.br/cidadania/primeiro-minha-casa-minha-vida-com-gestao-popular-e-entregue-em-sao-paulo-4657/>. Acesso em 03 jul 2023.

2.5 - Condomínio Chico Mendes

O início da construção dos condomínios Chico Mendes 1 e 5 é recente. Localizados nas proximidades do João Cândido, nos terrenos em que já eram destinados a construção das moradias, os empreendimentos ficaram parados por cerca de 7 anos. Em 2022, depois de muita pressão do movimento, diversas reuniões e buscas por financiamentos estaduais, as obras tiveram início no final do mesmo ano. Como demonstrado nas imagens abaixo, a construção é financiada pelo governo do estado e feita pela CDHU. Serão construídas 304 unidades de apartamentos, 152 em cada condomínio.

Ainda de acordo com a entrevista de Paulo Félix, líder do MST-TS, concedida para o podcast Programa DaHora, citada anteriormente, o valor das prestações vai de acordo com a renda familiar, sendo 20% do valor total. Os apartamentos seguirão a mesma qualidade do João Cândido, com 2 ou 3 dormitórios, de 53m² a 65 m², com varanda e elevador.



Foto 21: Placa com informações da construção do Condomínio Chico Mendes 5. Por Luana Bezerra.

Foto tirada em: 04 jul 2023.



Foto 22: Placa com informações da construção do Condomínio Chico Mendes 1. Por Luana Bezerra.

Foto tirada em: 04 jul 2023.



Foto 23 e 24: placas fixadas nos terrenos onde estão construindo os condomínios Chico Mendes 1 e 5. Por Luana Bezerra. Foto tirada em: 04 jul 2023.



Foto 25: área de construção dos condomínios. Por Luana Bezerra. Foto tirada em: 04 jul 2023.

Ainda segundo a entrevista do Paulo Félix, o líder fala sobre a expansão do projeto e novas construções. A previsão é que o Chico Mendes 2, 3 e 4 seja construído também no Jardim Salete, e que novos condomínios sejam construídos no Parque Laguna. O movimento já está em busca das negociações necessárias para o andamento do projeto. A forma de financiamento prevista é por meio do PMCMV modelo entidades (assim como foi o João Cândido).

O programa MCMV Entidades funciona por meio da concessão de financiamentos a beneficiários organizados de forma associativa por uma Entidade Organizadora (associações, cooperativas, sindicatos e outros), com recursos provenientes de fundos públicos. O mesmo pode ter contrapartida complementar de estados e dos municípios, por intermédio do aporte de recursos financeiros, bens e/ou serviços economicamente mensuráveis, necessários à composição do investimento realizado, ou pelas próprias famílias que compõem a demanda do empreendimento. Na faixa de atendimento em que se insere este programa, a moradia é quase que integralmente subsidiada, e a parcela mensal paga pela família beneficiária é determinada pela sua capacidade de pagamento.

Este bairro possui alguns pontos importantes para a formação da cidade, pois comporta um dos maiores conjuntos habitacionais populares da região, feitos pela CDHU, entregue em 1994, além de ser uma das poucas áreas que possuem terrenos para construção dentro da cidade. O mercado imobiliário disputa estes locais restantes, atualmente já existe a venda de empreendimentos particulares na área. Assim, dentro da cidade mais adensada do país, o espaço vai sendo remodelado e tensionado, de um lado, para construção de empreendimentos particulares, do outro, pela busca social do acesso a moradia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos pilares da luta pelo direito à moradia acontece porque o espaço é tratado como mercadoria, ou seja, quem paga tem, e quem não pode pagar é excluído. A desigualdade social do Brasil é reflexo de um passado que não foi resolvido, marcado por diversos problemas, como escravidão e concentração de terras e riqueza.

As grandes cidades, super urbanizadas e altamente adensadas estão sendo reproduzidas numa lógica mercadológica. A produção das desigualdades se torna lucrativa, a expansão de empreendimentos verticalizados tanto em áreas centrais como em zonas periféricas dos grandes centros urbanos, constrói uma feição de cidade que mais exclui do que acolhe.

O reflexo deste processo está exposto em número, um exemplo é o que retrata o IBGE. De acordo com o Censo Demográfico de 2022, São Paulo possui cerca de 590 mil imóveis particulares vazios, enquanto, segundo o Censo da População em Situação de Rua, realizado em 2021, a cidade conta com cerca de 30 mil pessoas vivendo em situação de rua, ou seja, o número de imóveis vazios é quase 20 vezes maior do que o de população sem ter onde morar. A lógica se completa ao compreendermos que o “boom” imobiliários não tem como finalidade a garantia de moradia, principalmente para populações de baixa renda, é o que aponta Raquel Rolnik em uma entrevista para o Jornal USP.

O que é importante para a gente entender é que a indústria imobiliária e o espaço residencial são ativos financeiros de médio a longo prazo que sempre propiciam uma valorização. Dessa forma, esse “boom” tem relação direta com a disponibilidade de capital e dialoga muito pouco com as necessidades habitacionais, sendo interessante notar que o aumento de unidades residenciais não implica aumento do acesso a esses locais. (São Paulo tem quase 20 vezes mais imóveis vazios do que indivíduos em situação de rua, segundo o IBGE. Jornal USP. Acesso 19 jul 2023).

O exemplo apontado é o da cidade de São Paulo, contudo, problemas de acesso à moradia são encontradas em diversas cidades, como o foco de estudo deste trabalho, a cidade de Taboão da Serra. A questão da população em situação de rua, das comunidades que se desenvolvem em áreas desvalorizadas pelo mercado e que muitas vezes possuem riscos à vida destas pessoas, as moradias sem infraestruturas adequadas, são reflexos de uma sociedade excludente onde o que falta não são moradias, mas sim quem possa pagar o valor estabelecido pela dinâmica de valorização e especulação do espaço dentro da lógica capitalista.

Diante desta realidade construída pela dinâmica de reprodução do capital, os movimentos de moradia surgem e ganham destaque. Como apresentado no decorrer deste trabalho, o MTST é um movimento para além da moradia, luta pela reforma urbana, por uma cidade mais justa e inclusiva, contudo, a necessidade de morar dignamente se destaca entre os pilares, já que a partir do morar as pessoas podem desenvolver suas relações e a sensação de pertencimento a um lugar.

Na grande maioria das vezes os movimentos sociais se organizam e se mantêm sozinhos. Como abordado anteriormente, os problemas infraestruturais urbanos não são ausência de planejamento público, mas sim uma ferramenta de especulação para a expansão do capital. Deste modo os conflitos no ambiente urbano são alimentados, e os movimentos sociais emergem como forças para tentar garantir melhores condições de vida para as populações mais vulneráveis.

O próprio poder público torna-se criador privilegiado de escassez, estimula, assim, a especulação e fomenta a produção de espaços vazios dentro das cidades, incapaz de resolver o problema da habitação, empurra a maioria da população pobre para as periferias; e empobrece ainda mais os mais pobres, forçados a pagar caro pelos precários transportes coletivos e a comprar caro bens de um consumo indispensável e serviços essenciais que o poder público não é capaz de oferecer (SANTOS, 2005. p 123).

Durante toda a produção que envolveu este trabalho, desde os trabalhos de campo, o levantamento bibliográfico, as conversas com pessoas que não quiseram dar entrevistas formalmente, foram possíveis perceber como a luta por moradia é fundamental para oferecer esperança a inúmeras famílias que são socialmente excluídas, mas que estruturaram uma parte gigante de todos dos serviços que fazem as cidades funcionarem.

Mesmo enxergando as controvérsias que a construção do condomínio João Cândido e a expansão do projeto com o Chico Mendes expõe, no quesito organização política, relações partidárias, flexibilização de um projeto muito inovador para algo, que, em algumas bibliografias foi tratado como “mais do mesmo”, a luta do MTST em Taboão da Serra mudou e vai poder mudar a vida de inúmeras famílias que terão acesso a uma moradia digna, em uma cidade que vem crescendo, mas que apresenta muitos problemas infraestruturais, como a favelização exposta no primeiro capítulo.

Durante parte considerável da minha vida acompanhei minha mãe, Maria, que compõe o movimento aqui em Taboão da Serra a 20 anos. Dancei na inauguração do condomínio João Cândido, acompanhei reuniões e protestos com ela, vi a felicidade de

pessoas conseguindo a chave da sua casa, assisti documentários de diversos militantes relatando sua experiência em conseguir um lar. Em um dos trabalhos de campo conversei com um senhor que compõe a gestão do movimento, este me relatou muito como a luta é constante. Depois da entrega dos condomínios, os mesmos precisaram pressionar a prefeitura e o estado para construir uma quadra de lazer e colocar linhas de ônibus próximas aos condomínios por questão de segurança, como ele mesmo relatou “(...) *a luta é constante, é pra vida toda*”.

Uma das coisas que foi possível observar durante toda esta trajetória, tanto durante o estudo e produção deste trabalho, quanto acompanhando a minha mãe pela vida, foi que o ideal não alcançável, a utopia, é fundamental para visualizar a mudança, contudo, quando uma meta é concretizada a luta deixa de ser apenas uma ideia para se tornar algo vivido. E como relatado por estas pessoas e vivido por mim, já que resido a 24 anos em bairros periféricos da cidade em questão, são diversos os problemas estruturais em Taboão da Serra, no quesito saúde pública, educacional, acesso a trabalho, transporte, lazer e cultura.

Por isto, mesmo que os projetos pilotos - e não romantizando a necessidade da flexibilização das ideias iniciais da Usina-CTAH e toda a problemática que isto engloba - tenham sido modificados e se assemelham a outras formas de conjuntos habitacionais, o fato de terem mais espaço e uma varanda, mas principalmente, ser um ideal retirado do papel que modificou a vida destas pessoas, oferecendo um lar com condições infraestruturais mais adequadas e a preços realmente acessíveis para pessoas de baixa renda, justifica, como o próprio movimento coloca e como apresentado em diversas citações durante o desenvolvimento deste trabalho, suas ações e escolhas.

Assim como os bairros da cidade de São Paulo, a cidade de Taboão da Serra vem sofrendo um “boom” imobiliário gigante. Primeiro, começando pela cooperativa Vida Nova (citada no primeiro capítulo), mas agora, diversos outros empreendimentos de várias construtoras que utilizam do financiamento e das faixas mais altas do Programa Minha Casa Minha Vida, estão se instalado nos poucos terrenos ociosos, que aguardavam o processo especulativo e que agora são destinados para reprodução do mercado imobiliário.

Desta forma, a atuação marcante de movimentos por moradia na cidade em questão, põe em choque uma realidade contrastante, de um lado, o capital imobiliário

buscando a sua contínua reprodução, e do outro, uma gama social gigantesca - já que estamos falando da cidade com a maior densidade populacional do Brasil, e consequentemente uma das maiores da América Latina - que busca garantir sua moradia digna, que possa ser paga diante a realidade de baixos salários em que vivem a grande parcela da população da cidade.

Como relatado por alguns dos integrantes, é importante ocupar e fazer pressão nas poucas áreas livres da cidade e que deveriam ser destinadas a construção de moradias populares, caso contrário, a dinâmica de sempre ser expulso para zonas ainda mais periféricas, de não ter direito de ser assentado e criar vínculos com um território, de conseguir fazer pressão nas entidades públicas para melhorar as infraestruturas que engloba o urbano, ou seja, de toda uma gama de relações que fazem parte da reprodução da vida, podem não ser alcançadas. Daí a necessidade de se estabelecer territorialmente e de lutar pela casa própria com financiamento acessível. A garantia de morar é fundamental para a reprodução da vida, como apresenta CARLOS (2017:34):

A partir do acesso inicial do indivíduo ao habitar (condição de sua reprodução) como ponto de fixação no espaço, articulam-se e constroem-se outros lugares capazes de responder à satisfação das necessidades imperativas da realização do sujeito: as relações casa/rua, espaço privado/espaço público, lugar de trabalho e lugar de lazer, e, num plano mais vasto, o bairro e a metrópole.

As periferias das cidades pulsam vida, arte e cultura. A exclusão dessa população das infraestruturas urbanas encontradas em regiões centrais, não diminui o fato de serem uma potência social, de possuírem qualidades únicas diante da perversidade com que as cidades são construídas. Como trabalhado por diversos movimentos sociais, a ideia de que “*A periferia é o centro*”, expõe estes espaços múltiplos e plurais como um coração por onde pulsa vida. Assim, lutar pela melhoria destes espaços se faz necessário, e a garantia de poder se fixar nessas regiões elucida bem como a luta por moradia é necessária.

A luta do MTST de buscar garantir uma moradia com a maior qualidade possível e acessível, aparece fortemente na história dos empreendimentos habitacionais da cidade de Taboão da Serra. Diversos vídeos, reportagens, notícias, relatam a conquista do João Cândido como uma realização material que foi estrutural para a expansão do movimento. As diversas tensões presentes entre construtoras e poder público remodelaram os projetos habitacionais tirando, por vezes, características fundamentais da utilização do espaço

pregado nos projetos pilotos da Usina-CTAH (GUERREIRO, 2018). Contudo, estas flexibilizações conseguiram garantir o acesso a uma moradia digna a uma parcela dos militantes. Depois de sete anos, a segunda parte dos empreendimentos Chico Mendes I e V, estão em andamento, e a perspectiva é que a construção dos empreendimentos no Parque Laguna, também sejam iniciadas o mais breve possível, como relatado por uma das militantes do movimento e por Paulo Félix na live citada anteriormente. Isto possibilitará com que novas famílias acessem sua moradia, tenham direito a lutar pelas melhores condições da cidade, mas que no fim do dia, terá seu lar para descansar.

Como os próprios integrantes cantam:

“Aqui, está, o povo sem medo

Sem medo de Lutar”

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTICO, Cláudia. **Deslocamentos Pendulares nos Espaços Sub-regionais da Região Metropolitana de São Paulo.** Ensaio com base na tese de doutorado em Demografia, intitulada Onde Morar e Onde Trabalhar: Espaço e Deslocamentos Pendulares na Região Metropolitana de São Paulo. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2004. p 16. Disponível em: <http://abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1286/1250>.

ALVES, Glória da Anunciação. **As centralidades periféricas: da segregação socioespacial ao direito à cidade.** Geografia urbana crítica: teoria e método / organizado por Ana Fani Alessandri Carlos, César Simoni Santos e Isabel Pinto Alvarez - São Paulo: Contexto, 2018. 160 p.

ARAÚJO, Wellison Tatagiba. **Evolução urbana e dinâmica da paisagem em setores periféricos da metrópole paulistana: o caso de Taboão da Serra.** Tese (Doutorado em Geografia Física). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010. 231 p. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-04102010-154430/publico/2010_WellisonTatagibadeAraujo.pdf.

ARAÚJO, Daniele Leal. **Dinâmicas Espaciais no Município de Taboão da Serra: análise espacial do município a partir da aprovação do Plano Diretor e o reflexo no presente (2006-2020) por abordagens no urbano e cotidiano.** Trabalho de conclusão de curso em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021. 53p. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/e0b2ef7e-0975-419e-8f15-ca7f33c4b26d/2020_DanieleLealdeAra%C3%BAjo_TGI.pdf.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A privação do urbano e o “Direito à cidade” em Henri Lefebvre.** Justiça espacial e o direito à cidade / Núria Benach ... [et al.]; organizado por Ana Fani Alessandri Carlos, Glória Alves e Rafael Faleiros de Padua. - São Paulo: contexto, 2017. 192 p.

CAMARGO, Camila Moreno. **Minha Casa Minha Vida – Entidades: novos arranjos para a operação da política habitacional no Brasil.** Artigo original. Revista brasileira de Ciências Sociais. 35 (102). São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/tZMVXn8pfsJMzTbPTQGfZhK/?lang=pt>.

CARVALHO, Inaiá de, PEREIRA, Gilberto Corso. **A cidade como negócio.** Artigo - EURE- Revista latinoamericana de estudios urbanos regionales. Vol 39, nº 118. Setembro de 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/15454/1/0250-71612013000300001.pdf>.

GUARITÁ, Gabriela Darini. **O valor do dinheiro no tempo: uma avaliação de empreendimentos do Programa minha Casa Minha Vida - Faixa 1.** Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. p 146. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde-07112018-110406/publico/MEGABRIELADARINIGUARITA_REV.pdf.

FALCHETI, Cristhiane. **Ação coletiva e dinâmica urbana: o MTST e o conflito na produção da cidade.** Tese (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019. 313p. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-27112019-183740/publico/2019_CristhianeFalchetti_VCorr.pdf.

GUERREIRO, Isadora de Andrade. **Habitação a Contrapelo - As estratégias de produção do urbano dos movimentos populares durante o Estado Democrático Popular.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. 504p.

MELLO, Renata Vieira. **Escritório público de assistência técnica gratuita para habitação de interesse social em Taboão da Serra.** Trabalho de conclusão de Curso em Gestão Pública. Brasília - Distrito Federal, 2018. 61p. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/4771/1/Renata%20Vieira%20de%20Mello.pdf>.

NASCIMENTO, Denise Morado. **O Papel da autoconstrução nas estruturas de provisão habitacional.** Estado e capital imobiliário: convergências atuais na produção do espaço urbano brasileiro. Belo Horizonte. - 1. ed - Editora C/Arte. 2011. p 352. Disponível em: https://www.arq.ufmg.br/praxis/textos/capitulo_jupira.pdf.

NASCIMENTO, Luciana Dias do. **O uso do Geoprocessamento na Regularização Fundiária e Urbanística: uma proposta de apoio à decisão aplicada ao município de Taboão da Serra-SP.** Tese (Mestrado em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-24082009-161242/pt-br.php>. Acesso em: 04 out 2022.

SANTOS, Isaac Rodrigues dos. **A produção do espaço intraurbano da região metropolitana de São Paulo: o caso do município de Taboão da Serra.** Ensaio da dissertação de mestrado em Geografia. Universidade de Campinas. São Paulo, p. 14. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/105.pdf>. Acesso em: 20 jun 2023.

SANTOS, Jean Isídio. **As raízes históricas do MTST.** Revista Espaço Livre (2021) n. 31 v. 16. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rel/article/view/178>. Acesso em: 20 nov 2022.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. (Coleção Ciências Sociais).

SANTOS, Milton. **Ocupação periférica e reprodução do centro.** Metrópole Corporativa Fragmentada: o Caso de São Paulo - 2. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 134 p.

SANTOS, Milton. **Urbanização brasileira.** - 5.ed - São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2005, 176 p.

SIMÕES, Guilherme. **MTST 20 anos de história: luta, organização e esperança nas periferias do Brasil** / Guilherme Simões, Marcos Campos, Rud Rafael. - São Paulo (SP): Autonomia Literária, 2017. 124 p.

TABOÃO DA SERRA - PLANO HABITACIONAL DE INTERESSE SOCIAL (PHIS). Diagnóstico da situação habitacional. Legislação Vigente que incide sobre a questão da habitação. Taboão da Serra, 2010, 286 p.

HOFFMAN, P, PEDRASSOLI, Julio. **Concentração de favelas em São Paulo e Taboão da Serra.** Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-22-Concentracao-de-favelas-em-Sao-Paulo-e-Taboao-da-Serra-Fonte-Hoffman-2008_fig1_281110303. Acesso em: 05 mai 2023.

REPORTAGENS

20 anos do MTST: um formigueiro contra o neoliberalismo. Fonte: Esquerda online, 12 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://mtst.org/mtst/20-anos-do-mtst-um-formigueiro-contra-o-neoliberalismo/>.

MST e MTST: Você realmente conhece esses movimentos? Reportagem do jornal Brasil de Fato, São Paulo, 25 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/25/mst-e-mtst-voce-realmente-conhece-essas-organizacoes>. Acesso em: 14 nov 2022.

São Paulo tem quase 20 vezes mais imóveis vazios do que indivíduos em situação de rua, segundo o IBGE. Reportagem publicada no jornal USP, São Paulo, 19 de julho de 2023. Disponível em: https://jornal.usp.br/radio-usp/sao-paulo-tem-quase-20-vezes-mais-imoveis-vazios-do-que-individuos-em-situacao-de-rua-segundo_ibge/#:~:text=Em%20contrapartida%2C%20de%20acordo%20com,indiv%C3%A3duos%20em%20situ%C3%A1cio%C3%A7%C3%A3o%20de%20rua. Acesso em: 19 jul 2023.

Sobre o MCMV – Entidades. Publicado em 26/07/2023. Disponível em: <https://www.gov.br/cidades/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/habitacao/programa-minha-casa-minha-vida/mcmv-entidades-1/sobre-o-mcmv-entidades>. Acesso 17 ago 2023.